

# Universidade, arte e cidadania: um estudo sobre o espaço cultural da Universidade de Fortaleza

*University, art and citizenship: a study on the cultural hall of the University of Fortaleza*

Orquídea Maria Moreira Ribeiro<sup>1</sup>

Adriana Helena Santos Moreira da Silva<sup>2</sup>

Grace Troccoli Vitorino<sup>3</sup>

## Resumo

O estudo apresentado tem seu foco nas atividades desenvolvidas pela Vice-Reitoria de Extensão da Universidade de Fortaleza, constituindo-se como objeto específico, da presente pesquisa, a Exposição “Pioneiros e Empreendedores: A Saga do Desenvolvimento no Brasil”, realizada no Espaço Cultural UNIFOR. O presente trabalho, cuja metodologia é de natureza quantitativa e qualitativa, mediante revisão da literatura, análise documental e pesquisa de campo, investiga de que modo o público, oriundo de comunidades de baixo poder aquisitivo e/ou baixo capital cultural, tem o seu interesse despertado para participar das atividades culturais promovidas pela Universidade de Fortaleza no Espaço Cultural UNIFOR. Os resultados do estudo sublinham que as atividades culturais suprarreferidas potencializam a capacidade crítica e a inclusão sociocultural dos sujeitos sociais em questão.

**Palavras-chave:** Universidade. Inclusão sociocultural. Capital Cultural e Social. Identidade Cultural. Arte.

## Abstract

The study has its main focus on the activities developed by Vice-Rector of Extension at the University of Fortaleza. The specific research object is the exhibition “Pioneers and

---

<sup>1</sup> Doutora em Cultura Norte-Americana pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Mestre em Estudos Anglo-Americanos pela Universidade de Lisboa. Professora auxiliar e diretora do Departamento de Letras, Artes e Comunicação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD).

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências da Cultura pela Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). Professora de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

Contatos: oribeiro@utad.pt; adrianahelena@unifor.br; gracet@unifor.br

Entrepreneurship: A Saga of the Development in Brazil”, that took place at the UNIFOR Cultural Hall. The research used a qualitative-quantitative methodology, including a literature review, documental analysis and field research, to investigate the way people from communities with low income levels and/or low cultural capital have incentives to participate in the activities sponsored by the University of Fortaleza to take place in the UNIFOR Cultural Hall. The results of the study show that the cultural activities potencialize the critical capacity and promote the sociocultural inclusion of the poor social communities under study.

**Keywords:** University. Sociocultural Inclusion. Cultural Capital. Cultural Identity. Art.

## Introdução

O presente estudo objetiva identificar e analisar o significado, para alunos visitantes oriundos de comunidades de baixo poder aquisitivo e/ou baixo capital cultural, das ações em um espaço cultural, neste caso específico, o Espaço Cultural UNIFOR, situado na Universidade de Fortaleza.

Partindo do pressuposto de que os espaços culturais contam com significativos valores imateriais em suas áreas expositivas, os quais podem conduzir os visitantes a uma percepção de si e do outro, acredita-se que esses ambientes favorecem o desenvolvimento do pensamento crítico e fortalecem o autoconhecimento e a autoconfiança.

Este estudo investiga de que modo as obras de arte, apresentadas no contexto de uma exposição, a partir de um trabalho de arte-educação centrado na mediação de significados que concebe sentidos para as obras, podem repercutir na percepção de mundo, de arte e da vida dos visitantes de um espaço cultural.

Uma visita a um espaço cultural pode provocar diferentes apropriações. Em uns, a experiência causa sentimentos de prazer, pertencimento e familiaridade com os bens culturais expostos. Naqueles historicamente excluídos do acesso a esse saber, pode provocar sentimentos de frustração, inaptidão e incapacidade de compreensão de algo que se mostra muito além do mero entendimento intelectual, favorecendo o afastamento e o não retorno. Segundo Bourdieu (2007, p. 46), o público oriundo das classes populares não consegue o “real acesso às obras expostas nos museus”, porque não detém os meios econômicos e simbólicos que geram a capacidade de apropriação do capital cultural transmitido por essas instituições.

Dados sobre a realidade cultural dos brasileiros, divulgados pelo Ministério da Cultura (MinC) no Programa Mais Cultura<sup>4</sup> (MinC, 2009), indicam que 92% dos brasileiros nunca foram a museus, 93,4% jamais frequentaram uma exposição de arte e mais de 90% dos municípios não possuem salas de cinema, teatro, museus ou espaços culturais multiusos. Quem frequenta espaços culturais dessa natureza provém, em sua maioria, dos setores médios e altos da população, com nível de escolaridade elevada, revelando que o interesse pelos museus cresce à medida que aumenta o nível econômico, a instrução e a familiarização com a cultura de elite.

Com base no exposto, assinala-se que, para além da realidade dos brasileiros, o interesse em abordar esse tema surge, pois, de observações elaboradas a partir das visitas efetuadas por jovens de escolas da rede pública de ensino do estado do Ceará ao Espaço Cultural UNIFOR, a fim de refletir acerca das implicações dessa ação cultural no âmbito da realidade social dos visitantes.

## **1 Operadores conceituais: cultura e capital cultural**

### **1.1 Cultura – Uma categoria útil para análise**

Para se pensar sobre o significado socioeducativo das ações culturais, parte-se da concepção de que o conceito de cultura é amplo demais e pode ser compreendido de diversas formas e a partir de diferentes campos do conhecimento. Estabelecer um único sentido é limitativo, devido à carga social e histórica que o termo traduz. Seu estudo é bastante significativo para o entendimento de como se dá o desenvolvimento da humanidade a partir das relações entre grupos humanos distintos e seus modos particulares de organização social.

Em geral, na perspectiva do senso comum, cultura está relacionada com erudição, instrução, isto é, uma pessoa que possui “cultura” é uma pessoa culta, inteligente, estudada. Outra acepção da palavra, segundo Santos (2006, p. 22), está ligada exclusivamente “às manifestações artísticas, como música, dança teatro, pintura, escultura”. Outros ainda chamam de cultura apenas as manifestações folclóricas, as festas tradicionais, as lendas e crenças de um povo, seu modo de vestir, sua comida e seu idioma.

---

<sup>4</sup> Ministério da Cultura, Diálogos Culturais. Disponível em: <http://blogs.cultura.gov.br/blogdarouanet/category/arquivos/> (consultado em 3 de abril de 2011).

Cientistas sociais analisam o conceito sob um prisma mais amplo. Para a visão antropológica, cultura é a forma de organização de uma sociedade, a sua identidade, formada por costumes e tradições que são transmitidos de geração em geração.

Por sua vez, o inglês Raymond Williams (1992)<sup>5</sup> designa cultura como “cultivo ativo da mente”, nos termos de uma terminologia moderna e científica – ou “cultivo ativo do espírito”, para dotar um ângulo mais tradicional –, e traça um percurso etimológico através da palavra *culture*, a qual ele considera uma das duas ou três palavras mais áridas da língua inglesa. Inicialmente, a acepção original da palavra *culture* (do latim *colere*, que significa cultivar) referia-se ao cultivo da terra e de vegetais para o consumo humano.

Do século XVI ao XVII, ainda segundo Williams (1992), o termo passou a significar, por analogia, o cuidado com o desenvolvimento humano e o cultivo da mente. A partir daí, observa-se uma diferença entre os que têm cultura e os que não a têm, assumindo o termo caráter de civilidade.

A partir do século XVIII, o seu significado ampliou-se, passando a significar também conhecimento erudito relacionado ao desenvolvimento e progressos sociais. Percebe-se melhor essa mudança se ela for associada às transformações econômicas e sociais pelas quais a Europa passava, fruto do pensamento iluminista francês. Nesse contexto, a ideia de cultura juntou-se à de civilização para designar o próprio estágio civilizatório da humanidade.

No entanto, a partir do século XIX, ainda segundo Williams (1992), a relação entre as ideias de cultura e civilização passam a ser questionadas e o termo “cultura” ganha um sentido diferente, sendo associado à religião, às artes, à vida pessoal, à família, a significados e valores.

O autor supracitado reconhece três categorias amplas e ativas do termo “cultura”: o processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético; a referência a um povo, a um período, a um grupo ou à humanidade em geral; a obra e a prática da atividade intelectual, particularmente a artística. Este último

---

<sup>5</sup> Raymond Williams, um dos fundadores dos Estudos Culturais, disciplina que nasceu do Departamento de Inglês da Universidade de Birmingham juntamente com os pesquisadores Richard Hoggart e E. P. Thompson, posteriormente consolidada pelo jamaicano Stuart Hall. Escreveu várias obras, entre elas: *Cultura e Sociedade* (1958) e *A Longa Revolução* (1961).

é o seu sentido mais difundido: “cultura é música, literatura, pintura, escultura, teatro e cinema” (WILLIAMS, 1992, p. 45).

De acordo com Brant (2009, p. 19), tanto para definir algo do domínio próprio de um indivíduo (o conhecimento adquirido) como para o exercício de poder em relação a grupos sociais distintos (o culto e o não culto, o civilizado e o não civilizado), o termo é utilizado até hoje como “definidor de um campo simbólico determinado, quase sempre para distinguir ou identificar”.

Ainda no que tange à cultura, Kliksberg (2001, p. 123) considera-a como:

Um fator decisivo de coesão social. Nela as pessoas podem reconhecer-se mutuamente, cultivar-se, crescer em conjunto e desenvolver a autoestima coletiva. Preservar os valores culturais tem grande importância para o desenvolvimento, já que funcionam como uma força coesiva numa época em que muitas outras estão enfraquecendo.

Segundo Kliksberg (1997, p. 123), na luta contra a pobreza, a cultura surge como elemento-chave, e destaca uma afirmação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO): “para os pobres, os valores próprios são frequentemente a única coisa que podem afirmar”.

E reitera:

Os grupos desfavorecidos têm valores que lhes dão identidade. Seu desrespeito ou marginalização podem ser totalmente lesivos à sua identidade e bloquear as melhores propostas produtivas. Pelo contrário, sua potencialização e afirmação podem desenvolver enormes potenciais de energia criativa. (KLIKSBERG, 1997, p. 123)

Diante do exposto, vale a pena reforçar que a acepção ampla acerca das relações entre cultura e desenvolvimento econômico, instrumento de inclusão social, direito do cidadão e ação integrada com potencial transformador foi, em grande medida, preconizada pela UNESCO, por meio de seus fóruns, fazendo evidenciar preceitos dessa natureza nas esferas políticas internacionais, como segmento protagonista do desenvolvimento humano.

## **1.2 O capital cultural**

O sociólogo francês Pierre Bourdieu utilizou o conceito de capital atribuído não somente à sua forma econômica, mas também à sua forma cultural

e social. O termo “capital”, trazido da área econômica, foi usado por Bourdieu no estudo das desigualdades de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais. Foi uma metáfora para enfatizar como a cultura em uma sociedade dividida em classes se transforma em uma espécie de moeda que as classes dominantes utilizam para acentuar as diferenças. É o que afirma Bourdieu (1998, p. 74) quando refere que “o rendimento escolar da ação escolar depende do capital cultural previamente investido pela família e que o rendimento econômico e social do certificado escolar depende do capital social – também herdado – que pode ser colocado a seu serviço”.

A propósito dessa concepção, Bourdieu (1998) afirma a existência de diferentes tipos de capital: o capital econômico, baseado na posse de bens materiais; o capital social, fundado nas relações entre os indivíduos que estabelecem fontes estratégicas de apoios para atuação dos agentes sociais; e o capital cultural, que tem na posse dos diplomas escolares uma das suas manifestações institucionais.

Um dos eixos centrais da Sociologia da Educação de Bourdieu é que os alunos não competem em condições igualitárias na escola, pois trazem incorporada uma bagagem cultural e social diferenciada e conveniente para o mercado escolar. O sucesso obtido pelos alunos ao longo de sua trajetória escolar não é explicado por seus dons pessoais – como a constituição biológica ou psicológica –, mas pela origem social dos alunos.

Na obra *Les héritiers, les étudiants et la culture* (1964), Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron analisam os índices de produtividade escolar entre jovens franceses de diferentes classes sociais, salientando que o sucesso escolar é determinado pela origem social dos alunos, tornando-se pioneiros em apresentar os mecanismos cognitivos associados às condições sociais. Isso significa dizer que os jovens de classe média possuem mais possibilidade de obter sucesso escolar devido à proximidade com a cultura erudita e às práticas culturais ou linguísticas de seu contexto familiar. A partir dessa lógica, Bourdieu revela que existe uma relação entre a cultura e as desigualdades escolares.

Em outro texto, mais especificamente em “A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura” (1998)<sup>6</sup>, o referido autor, baseado em

---

<sup>6</sup> Pierre Bourdieu, “*L’école conservatrice. Les inégalités devant l’école et la culture*”, publicado originalmente In: *Revue française de sociologie*, Paris, 7(3), 1966, (325-347) traduzido para o português em 1998 por Aparecida Joly Gouveia.

análise estatística, aponta uma relação próxima entre o perfil da família e o êxito escolar de seus filhos. Portanto, para além da formação cultural dos pais e avós e da localidade de residência da família (central ou periférica), Bourdieu destaca a modalidade do curso secundário (clássico, moderno ou outro), o tipo de estabelecimento de ensino (particular ou público), bem como as características demográficas da família, o tamanho da família, a trajetória social da família (ascendente ou descendente), além de aspectos importantes relacionados ao sucesso dos estudantes.

Portanto, para ele, nenhum desses aspectos, de forma isolada, representaria um fator determinante; existem variáveis extraescolares – econômicas e culturais – que atuam no desempenho e aproveitamento do estudante. A esse respeito, Bourdieu (1998, p. 42) revela:

A ação do meio familiar sobre o êxito escolar é quase exclusivamente cultural. Mais que os diplomas obtidos pelo pai, mais mesmo do que o tipo de escolaridade que ele seguiu, é nível cultural global do grupo familiar que mantém a relação mais estreita com o êxito escolar da criança.

No princípio dos anos 2000, os organismos sociais, especialmente a Organização das Nações Unidas (ONU), através da UNESCO, redefiniram o conceito de capital cultural para integrá-lo nas suas estratégias de desenvolvimento social, principalmente nos países da América Latina, diante do aumento da miséria. Nessa perspectiva, o conceito de capital cultural vem sendo difundido como ferramenta para aliviar a pobreza e fortalecer a coesão social, principalmente através dos trabalhos de Bernardo Kliksberg, importante assessor de diversos organismos internacionais, como o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), e considerado o criador da gestão social, que se espalhou por toda a América Latina.

Kliksberg (2001) salienta que, nas últimas décadas, principalmente nos países em processo de desenvolvimento, surgiu um novo debate, criando a consciência de que, para que o desenvolvimento aconteça de maneira mais abrangente, de forma a atingir todas as classes das populações, é preciso um cuidado especial com o capital social e cultural dessas nações. Um dos focos é o reexame das relações entre cultura e desenvolvimento, isto é, uma vez que os fatos históricos desfizeram a noção de que o progresso tecnológico regido pela razão científica traria maior riqueza para todos, a noção de que a cultura

desempenha um papel essencial para que esse desenvolvimento aconteça está em crescimento. Kliksberg (2001, p. 125) justifica:

(...) A cultura, é ainda um fator decisivo de coesão social. Nelas as pessoas podem reconhecer-se mutuamente, cultivar-se, crescer em conjunto e desenvolver a autoestima coletiva. Preservar os valores culturais tem grande importância para o desenvolvimento, já que funcionam como uma força coesiva numa época em que muitas outras estão enfraquecendo.

Contudo, apesar da consciência da importância do valor da cultura para o desenvolvimento social, observa-se que, no Brasil, o acesso aos espaços onde a cultura pode ser compreendida, vista e entendida ainda é muito limitado a uma pequena parcela da população.

Dados divulgados em 2008 pelo Ministério da Cultura (MinC) sobre a realidade cultural dos brasileiros<sup>7</sup> indicam que a média brasileira de despesa mensal com cultura por família é de 4,4% do total de rendimentos, estando acima da educação (3,5%) e não variando em função da classe social, ocupando a 6ª posição dos gastos mensais da família brasileira.

Retomando as proposições de Bourdieu (2007, p. 39), em seu estudo pioneiro sobre o público de museus de 1996, “O amor pela arte: os museus na Europa e seu público”, cabe registrar que:

Museus e galerias de arte são exemplos de um modo bem - sucedido no qual um reconhecimento consensual da cultura dominante é produzido, enquanto, ao mesmo tempo, a maioria é excluída de participar amplamente desta cultura: museus, tais como práticas de arte e cultura, agem afirmando “distinção”.

Dessa forma, ele chama atenção para um paradoxo: ao mesmo tempo em que os museus guardam verdadeiros tesouros de arte, abertos a todos os públicos, eles são “vetados” à maioria dos públicos. No decorrer de sua argumentação, enfatiza ser necessário um grau de escolaridade avançado e condições sociais favoráveis para que o público possa usufruir da obra de arte na sua plenitude.

---

<sup>7</sup> Ministério da Cultura, Diálogos Culturais. Disponível em <http://blogs.cultura.gov.br/blogdarouanet/category/arquivos/> (consultado em 3 de abril de 2011).



A esse respeito, seria oportuno assinalar que o público culturalmente carente, muitas vezes, considera o museu/espço cultural um território desconhecido, sem referências com as quais possa se identificar, sem conexões com a sua cultura, seus valores, seus comportamentos e suas crenças.

## 2 O contexto do espaço cultural em estudo

A Universidade de Fortaleza (UNIFOR) fica no estado do Ceará, o qual está localizado na região Nordeste do Brasil, sendo o quarto maior estado da região e o 17º entre os estados brasileiros em termos de extensão. O contingente populacional do Ceará, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010)<sup>8</sup>, é de 8.448.055, distribuídos por 184 municípios.

Das mais de oito milhões de pessoas que vivem no Ceará, 75% delas residem em áreas urbanas, sendo 2.447.409 em Fortaleza, a capital do Ceará e a cidade mais populosa do estado. A UNIFOR está localizada em Fortaleza, somando mais de 25.000 alunos, distribuídos em 31 cursos de graduação, 5 cursos de mestrado e 2 doutorados.

A iniciativa da criação da UNIFOR, em 1973, foi concebida pelo industrial Edson Queiroz, que não se conformava com o atraso social, econômico e educacional de sua época, ocasionado em grande parte pelos baixos índices de educação básica e formação superior da região. A universidade não foi motivada apenas pelas pesquisas de mercado que revelavam a carência do sistema educacional no estado, ela foi planejada para ser uma “instituição viva”, atuando decisivamente no processo de desenvolvimento da região em vários níveis. A instituição foi pensada e criada para provocar a mudança do *status* social e econômico de seus beneficiários, com efeitos positivos para as famílias e para a comunidade.

A partir de 2004, torna-se evidente a intensificação de ações culturais da Universidade de Fortaleza e da Fundação Edson Queiroz, principalmente no âmbito das artes visuais, após a reforma do Espaço Cultural, inaugurado em 22 de setembro de 2004 com o intuito de democratizar o acesso ao conhecimento das identidades artísticas, históricas e culturais do estado, antes acessível apenas a uma pequena parcela erudita da população.

---

<sup>8</sup> Informações IBGE. Disponível em [http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados\\_divulgados/index.php?uf=23](http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=23) (Acesso em: 23 de março de 2012).

Essas ações promovem, através do serviço educativo, visitas monitoradas e ateliê de arte com acompanhamento de um monitor que dá informações sobre o assunto abordado. A visita é disponível ao público em geral ou pode ser direcionada para escolas públicas e particulares do estado. A universidade garante o transporte gratuito de escolas públicas, ONGs e associações sociais sem fins lucrativos até o Espaço Cultural UNIFOR.

Desde a sua inauguração até hoje, o Espaço promoveu mais de 20 exposições de artistas de âmbito nacional e internacional, como Rembrandt, Miró, Vik Muniz e Antônio Bandeira, levando mais de um milhão de pessoas a visitarem o espaço, sendo 40% de alunos das escolas públicas e particulares do Ceará.

A partir desse contexto, buscar-se-á proceder a uma análise crítico-reflexiva sobre o processo de inclusão sociocultural promovido pelo Espaço Cultural. Para isso, faz-se necessária uma compreensão mais aprofundada sobre o lócus da pesquisa, a exposição “Pioneiros e Empreendedores: A Saga do Desenvolvimento no Brasil”, bem como sobre as ações educativas desenvolvidas ao longo dessa exposição.

## **2.1 A exposição “Pioneiros e Empreendedores: A Saga do Desenvolvimento no Brasil”**

A exposição “Pioneiros e Empreendedores: A Saga do Desenvolvimento no Brasil” consolida uma extensa pesquisa, através de uma trilogia, sobre os pioneiros empresariais brasileiros, realizada na Universidade de São Paulo (USP), durante dez anos, pelo professor Jaques Marcovitch<sup>9</sup>.

Segundo Marcovitch (2012), em entrevista ao *UNIFOR Notícias*<sup>10</sup>, o que o levou a pesquisar sobre os empreendedores brasileiros foi a escassez de bibliografia especializada no Brasil. A referida trilogia<sup>11</sup> aborda a trajetória de 24 empreendedores brasileiros na construção do desenvolvimento do

---

<sup>9</sup> Jacques Marcovitch foi reitor da Universidade de São Paulo (1997 a 2001), onde é professor titular da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA).

<sup>10</sup> *UNIFOR Notícias* - Jornal da Universidade de Fortaleza - Fundação Edson Queiroz- Número 215 - Fevereiro de 2012.

<sup>11</sup> Para maior aprofundamento, ver a trilogia que fundamenta a exposição: *Pioneiros e Empreendedores: A Saga do Desenvolvimento no Brasil*. Volumes 1,2 e 3. Jacques Marcovitch. 1. ed. 1. reimpr. São Paulo: Universidade de São Paulo/ Saraiva, 2009.

país, destacando a capacidade realizadora de cada um deles e os seus trajetos percorridos.

A exposição foi pensada, de acordo Marcovitch (2012), para aproximar um número maior de pessoas, especialmente jovens de todas as idades, e inspirá-los a ser pioneiros e mudar o futuro.

Para a concepção e o desenvolvimento do programa museológico da exposição, além da trilogia, utilizada como base fundamental, outras reflexões se vincularam, como a problematização sobre a preservação das memórias desse legado patrimonial brasileiro, sendo realizada uma busca pelos vestígios (objetos, documentos, fotos, impressos, cartas etc.) dos empreendimentos e empreendedores em instituições preservacionistas públicas e privadas.

O roteiro expositivo com as respectivas argumentações foi organizado da seguinte forma: **módulo 1** – o encontro com os pioneiros e seus empreendimentos; **módulo 2** – os pioneiros e o Brasil em diferentes momentos da história do país; **módulo 3** – os percursos e as ações dos pioneiros; **módulo 4** – diálogo entre os pioneiros; **módulo 5** – os pioneiros, os empreendimentos e nós.

## **2.2 Ações educativas da exposição “Pioneiros e Empreendedores: A Saga do Desenvolvimento no Brasil”**

A exposição “Pioneiros e Empreendedores: A Saga do Desenvolvimento no Brasil” teve como um dos princípios norteadores a valorização da memória dos pioneiros e da sua saga empreendedora, compreendendo suas trajetórias em tempos diferentes na história do Brasil. No espaço expositivo, observou-se a presença dos diversos contextos histórico-sociais, tanto da trajetória política e econômica do Brasil como da trajetória social e empresarial dos pioneiros.

Nesse sentido, a ação educativa, cujo público-alvo é de estudantes dos ensinos médio, regular, técnico e superior, tem como principal meta atualizar projetos e ações pioneiras no âmbito contemporâneo a partir das leituras contextuais no trajeto expositivo e no Caderno do Estudante<sup>12</sup>.

Dessa forma, as ações educativas possibilitam ações pedagógicas e educacionais, pautadas no pioneirismo como um valor e na memória como

---

<sup>12</sup> Caderno do Estudante - Material que compõe o projeto educativo da exposição, com informações e atividades complementares à visita.

patrimônio, favorecendo a mediação e aproximação dos conceitos que norteiam a exposição.

As mediações têm como base a aproximação das estratégias criadas pelos pioneiros para enfrentar e superar situações adversas e garantir a continuidade de seus empreendimentos. O programa educativo compreende a edição de um caderno especializado para o professor e outro para o aluno, além de jogos de espaço e multimídia para compreensão dos conteúdos. O Caderno do Estudante está estruturado com o objetivo de promover a reflexão acerca do empreendedorismo pioneiro no desenvolvimento do país em épocas distintas da história brasileira e, ao mesmo tempo, desafiar a capacidade propositiva sobre o empreendedorismo pioneiro na atualidade.

Para a execução das ações educativas propostas pela exposição, os monitores do Espaço Cultural UNIFOR participaram de uma formação com uma arte-educadora, um historiador e o curador Jacques Marcovitch.

### **3 Considerações finais**

O trabalho desenvolvido buscou identificar e analisar, no que tange ao capital cultural, o significado das ações culturais para alunos visitantes da exposição “Pioneiros e Empreendedores: A Saga do Desenvolvimento do Brasil” provenientes da rede pública de ensino de Fortaleza.

A pesquisa, de natureza quantitativa e qualitativa, utilizou como coleta de dados dois instrumentos: um GF, aplicado em oito alunos, e um questionário com perguntas abertas e fechadas, aplicadas em 150 alunos entre 15 e 18 anos.

Os dois instrumentos utilizaram o mesmo percurso, que delineava, inicialmente, o perfil socioeconômico dos alunos visitantes, seu perfil cultural e informações relativas à exposição.

O perfil socioeconômico apontou que 94,6% estudam em escolas públicas, cursam o ensino médio e têm entre 15 e 16 anos. Com relação às suas rendas familiares, 70% possuem renda familiar entre um e três salários mínimos, demonstrando pertencerem a uma classe social com baixo poder aquisitivo.

No âmbito do perfil cultural, foram pesquisadas algumas opções de lazer e cultura, sendo possível perceber que a expressiva maioria dos alunos visitantes entrevistados prefere, em seu tempo livre, navegar na internet e assistir TV/DVD. Chamou atenção o fato de 53% dos alunos, mesmo pertencentes a uma

classe social de baixo poder aquisitivo, acessarem a internet da própria casa e 11,4%% acessarem através do celular, opção que precisou ser incluída após a aplicação do pré-teste.

Além disso, 62,8% dos alunos entrevistados já haviam conhecido outro museu/espço cultural antes de visitar a exposição “Pioneiros e Empreendedores: A Saga do Desenvolvimento no Brasil”, citando, inclusive, os nomes dos outros lugares visitados, como o Centro Cultural Dragão do Mar (53,6%) e o Museu do Ceará (20,8%). A frequência com que visitaram os museus/espços culturais nos últimos 12 meses foi elevada, visto que 62,4% visitaram uma vez nos últimos 12 meses e 26,4% visitaram duas ou três vezes nesse mesmo intervalo de tempo. Essa constatação revela a importância dos projetos de arte e educação realizados pelos museus/espços culturais, pois a ida dos alunos a esses equipamentos culturais foi promovida através de transportes gratuitos pertencentes aos museus/espços culturais.

Com relação às informações concernentes à exposição, o que mais chamou a atenção dos alunos visitantes foram o acervo e os objetos da exposição e conhecer as ações empreendedoras dos pioneiros, pois apontaram o módulo II (“Os pioneiros e o Brasil em diferentes momentos da história do país”) como o módulo de maior preferência (38,4%) e o módulo I (“O encontro com os pioneiros e seus empreendimentos”) como o segundo (24,7%). Entende-se que a escolha do módulo II se deve ao fato ele humanizar os pioneiros, retratando a forma como nasceram e as dificuldades que enfrentaram ao longo de suas trajetórias, desmistificando a ideia de que derivariam de famílias financeiramente abastadas, sendo, na sua maioria, oriundos de famílias imigrantes humildes que precisaram superar inúmeros obstáculos.

Outro dado examinado foi os benefícios da visita à exposição. Quando questionados sobre os benefícios gerados a partir da visita, 81,9% afirmaram ser o conhecimento e 13,9%, a cultura. Outros ainda enfatizaram que, através das histórias apresentadas dos pioneiros, sentiram-se capazes de realizar seus sonhos, apesar das dificuldades, e o que perceberam de mais relevante foi que uma ideia pode revolucionar suas vidas.

Por fim, pode-se inferir que a acessibilidade cultural promovida pela Universidade de Fortaleza, por meio das ações educativas fomentadas pelo Espaço Cultural UNIFOR, promove, de forma positiva, a formação do capital cultural e as transformações significativas na percepção de mundo, fundamentais para se desenvolver a capacidade intelectual e formar cidadãos críticos.

## Referências

- BARBOSA, A. Mediação cultural é social. In: BARBOSA, A. M.; COUTINHO, G. R. (Org.). *Arte e educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Unesp, 2009. p. 13-22.
- BOURDIEU, P. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BOURDIEU, P.; DARBEL, A. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. São Paulo: Edusp, 2007.
- BRANT, L. *O poder da cultura*. São Paulo: Petrópolis, 2009.
- BRASIL. *Decreto de nº 3.860, de 9 de julho 2001*. Disponível em: <<http://www.unitins.br/porta1/legislacao/Recredenciamento/DECRETO%20N%C2%BA%203.860,%20de%209%20de%20%20julho%20de%20%202001.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2012.
- CANCLINI, N. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais a civilização*. 6. ed. Rio de Janeiro: URFJ, 2006.
- CHAUÍ, M. *Escritos sobre a universidade*. São Paulo: Unesp, 2001.
- COELHO, T. *A cultura e seu contrário*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- COELHO, T. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 2002.
- CUNHA, M. *Investigação científica: os passos da pesquisa científica no âmbito das ciências sociais e humanas*. Chaves: Ousadias, 2009.
- CURY, M. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.
- FALCÃO, A. Museu como lugar de memória. *Salto para o futuro*, ano XIX, 2009. Disponível em: <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/153511MuseueEscola.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2012.
- FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLDEMBERG, M. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências Sociais*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, S. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HOBSBAWN, E. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

KLIKSBERG, B. *Falácias e mitos do desenvolvimento social*. Tradução por Sandra Trabucco Valenzuela e Silvana Cobucci Leite. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2003.

MARCONI, M. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARCOVICTH, J. *Pioneiros e empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil*. São Paulo: Universidade de São Paulo. Saraiva, 2009. v. 3.

MARTIN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MINAYO, S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade*. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

ORTIZ, R. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

REIS, A. *Marketing cultural e financiamento da cultura: teoria e prática em um estudo internacional comparado*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

SANTOS, B. Para uma concepção multicultural dos direitos humanos. *Contexto Internacional*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p.7-34, jan./jun. 2001.

SANTOS, J. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

UNESCO. *Declaração mundial sobre a educação superior no século XXI: visão e ação*. Paris, 1998.

VILLORO, L. *Estado plural, pluralidad de culturas*. México, DF: Paidós Mexicana, 2009.

WILDER, G. *Inclusão social e cultural: arte contemporânea e educação em museus*. São Paulo: Unesp, 1998.

WILLIAMS, R. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, R. *Cultura e sociedade: 1780-1950*. São Paulo: Ed. Nacional, 1969.

WILLIAMS, R. *Palavra-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.

**Data da submissão:** 10/02/2014

**Data do aceite:** 29/04/2014